

A MODERNIDADE E O MÉTODO INTERDISCIPLINAR

Sebastien Joachim

Universidade Federal de Pernambuco

A modernidade das duas primeiras décadas de nosso século vivia de ilusões que a era pós-industrial do 2.^o após-guerra não mais entretém. O reino da Cibernética desencadeou uma explosão do conhecimento que tem como efeito o nivelamento das disciplinas tradicionais: todas estão em situação de quem procura e não mais de quem possui. Consequência: da parte dos cientistas científicos, filósofos, cientistas sociais, teorizadores outrora tão seguros de si mesmos, tão ciumentos de suas aquisições, tão voltados para a segregação voluntária, uma atitude aberta ao diálogo e a completude. Congressos internacionais, encontros de estilo holístico se multiplicam sob a tutela da UNESCO, de Estados Soberanos, de Universidades, de Centros de Pesquisas pioneiros. Pruridisciplinaridade, Transdisciplinaridade, Interdisciplinaridade, se tornaram vocábulos da moda, e designam o emblema de inúmeros simpósios e jornadas de estudos em torno de um tema capaz de reunir, na mesma assembléia pessoas das mais diversas especialidades, dos mais opostos horizontes no esquema antigo (biologia, antropologia, filosofia, artes plásticas, psicanálise, física, sociologia, história, literatura, música, medicina, astronomia. Entre os temas mobilizadores que se destacam na área europeia, por exemplo, estão as problemáticas suscitadas por: O Sujeito, a Criatividade, Destruição/Criação, a Linguagem, a Alimentação, o Objeto, a Interpretação, o Imaginário e a Realidade. Como se vê, temas bastante gerais para acolher domínios de saber mais diversificados.

O interessante é de ver cada participante achar um ponto de engate pertinente para sua intervenção, sob forma

de palestra ou debate. Assisti a não menos de dez encontros desse tipo numa estada de 12 meses na França. Mas, além dos encontros ao vivo, existe um outro meio de confronto, embora de alcance mais limitado, já que atinge apenas estudiosos de nível de pós-graduação e pesquisadores profissionais. São as publicações bimestrais ou bianuais de revistas temáticas tais como "Cahiers Internationaux du Symbolisme", "Actes de la Recherche en Sciences Sociales", "Publications des Facultés Universitaires Sanit-Louis", sobre a Metáfora, sobre a Narrativa, etc., etc.

Os colaboradores vêm de diversas regiões, especialidades, países. Uma dessas revistas se denomina, com a maior pertinência: "Cahiers Confrontation/Cadernos Confronto. Sedida em Paris, tem correspondentes na Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Brasil (Fábio Herrmann, São Paulo; Célio Garcia, Belo Horizonte). O número sobre "Interpretação" tem artigos assinados respectivamente por filósofos, matemáticos, historiadores, biólogos, físicos, sociólogos, lingüistas, juristas, médicos, especialistas da informática e da pintura. As Universidades de Grenoble, por seu lado, têm lançado uma coletânea de estudos, sob o título "Science et Imaginaire/Ciência e Imaginário", que considero como o protótipo das aproximações pluridisciplinares (como veremos na seção "Método", é difícil uma revista ir além da pluridisciplinaridade). Nas publicações do "Centro de Pesquisa sobre o Imaginário", de Grenoble, dirigido por Simone Vierne(1), confrontam as suas visões da Literatura, da Arte, da Ciência, do "real", pesquisadores até de Astronomia e de Arquitetura. Vai mais longe, acho, o Centro de Pesquisas da Universidade de Savoie (Chambéry) sobre o Imaginário porque convida pessoas que trabalham nos hospitais, artistas plásticos, cineastas, clínicos, animadores em psico-sociologia, musicólogos, além do elenco habitual da Biologia e da Física teórica, dos escritores, dos psiquiatras, dos cientistas sociais, dos arquitetos e, evidentemente, dos estudiosos da literatura... pois a Arte e a Literatura, no pós-moderno, integram todos os achados da ciência teórica e da filosofia contemporânea, sob uma luz problematizadora capaz de estimular a reflexão dos especialistas. A obra de Marcel Proust, de James Joyce são bem conhecidas desse ponto de vista. É bom saber que não menos cientes da evolução da

(1) Simone Vierne, (dir.). **Science et Imaginaire**. Grenoble (CRI). ELLUG, 1985.

Ciência, das outras Artes, e informados sobre o pensamento teórico e a epistemologia das Ciências Sociais são escritores latino-americanos como J. L. Borges e o norte-americano Thomas Pynchon. Com eles e vários outros, a arte literária se tornou um domínio enciclopédico onde a cultura, a história, os eventos, as descobertas do presente e do passado são intensamente questionados.

Em nossa contemporaneidade, quase todo grande cientista, como Einstein ou Niels Bohr e, num grau inferior, Jean E. Charron, Hubert Reeves, etc., e também quase todo grande artista como Lewis Carrol, Paul Valery, Robert Musil, Salvador Dali, P. Pasolini ou José Lezama Lima, etc., são filósofos, epistemólogos, ensaístas e poetas (no sentido lato, quando não possuem obras “**genericamente**” poéticas). O mérito de Jacob Bronovoski e de Hubert Reeves é de terem demonstrado, enquanto homens-orquestra a um nível mais acessível, a possibilidade de pensar interdisciplinarmente, de se interessarem simultaneamente na arte e na ciência.(2)

As personalidades científico-filosófico-literárias que convocamos são, portanto, modelos interdisciplinares. Elas nos incitam simbolicamente a diversificar nosso interesse e a nos reunir para melhor completar as nossas lacunas e partilhar as facetas da verdade que conseguimos e perdemos em cada ato de aprofundamento. Um grupo interdisciplinar é um grupo onde o saber se torna uma “**relação ao outro**”(3) em vez de ficar como um tesouro exclusivamente contemplado numa torre de marfim. Os poderes públicos, a sociedade que nos rodeia e sustenta esperam essa abertura de nossa parte; porém eles serão mais edificados e melhor servidos se constituímos uma

(2) Entre várias obras de Jacob Bronowski, a maioria já traduzida pela UNB, Brasília, citamos: **Arte e Conhecimento. As origens do conhecimento e da Imaginação**; Hubert Reeves, ficcionista e cientista, publicou entre outras obras **Patiense dans l'azur**. Paris, Scuil, Col. Points-Sciences. O nosso Joaquim Cardoso, cientista e poeta, encarna, também, tal polivalência.

(3) in Michel Fastier. «Inventique». in: **Art et Science: De la créativité**. Paris, UGE, col 10/18, 1972. Quem preconiza a abertura ao outro no trabalho de invenção, é também o físico Basarab Nicolescu (Paris). Michel Fastier é professor no Instituto Nacional (francês) de Gestão previsional e de Controle de Gestão, Jean-Paul Resweber cita Claude Bernard quem, desde o século passado, insistia na aproximação e compreensão mútua dos pesquisadores enquanto postulado heurístico (**La méthode interdisciplinaire**. Paris, PUF, 1981, págs. 74-75).

verdadeira comunidade, onde pontes ligam os domínios do saber e as pessoas que militam nesses domínios.

O método mais apropriado para focalizar a atenção de pesquisadores oriundos de domínios de conhecimento mais díspares, como os exemplos dos Centros recentemente criados e certas publicações especializadas o têm demonstrado, é o método interdisciplinar. Liame temático de maior abrangência e de melhor incentivo assim se revelou, por experiência, no "Imaginário Criador", em todos os casos em que se pretendeu constituir um grupo estável e bastante caracterizado; além do mais, o poético, isto é uma visão nova do mundo, das coisas, do nosso próprio ser quando está em instância de criação, e o "imaginário", isto é, a dimensão "outra" daquilo que existe, ou a dimensão do possível, são duas faces da invenção artística e científica que circunscrevem a interdisciplinaridade. Daí a oportunidade de se poder conjugar idealmente o método interdisciplinar e o poético do Imaginário.

O livro por excelência sobre a Interdisciplinaridade é de Jean Paul Resweber, professor da Universidade de Estrasburgo, França. (4) O método interdisciplinar não é uma receita, nem um quadro rígido e invariável de funcionamento. Ele funciona por lances que sempre devem ser repensados e reformulados. É como a "poiêsis", termo que se utiliza na arte para indicar a sua gênese feita de momentos dinâmicos e constantemente prestes no imprevisível. Jean Burgos que representa, a meu ver, na França, a autoridade máxima em matéria de poética do Imaginário, declarou no Simpósio da Universidade Livre de Bruxelas sobre "Motifs en Art et Littérature" (8 de dezembro de 1984) que a poética do imaginário recusa todo sistema enclausurado e todo esquematismo rígido e exige **"uma aproximação sempre a reinventar"**. (5) Ora, por seu lado, J. P. Resweber coloca desde o primeiro parágrafo da introdução a seu livro sobre o método interdisciplinar essa declaração de princípio: a interdisciplinaridade não oferece **"táticas... peculiares (...), percursos balizados e balizadores"**, mas sim **"estratégias... isto é percursos a serem inventados progressivamente"** (au fur et à mesure) **"desvios a efetuar"**, **"recursos a solicitar para com disciplinas cuja importância não pode ser medida de antemão"**.

(4) ver nota 3.

(5) Jean Burgos. **Motifs en Art et Littérature**. Université libre de Bruxelles, decembre 1984, pág. 34.

Impressionante convergência. Fundamental e estimulante para toda pesquisa que assuma, até o fim, as suas responsabilidades.

Torna-se óbvio, por conseguinte, que o inimigo número um do espírito interdisciplinar, espírito de abertura e de aventura, seja o Especialista voltado para si mesmo e suas conquistas e que considera o saber como uma posse ou um patrimônio a conservar. Esse espírito de abertura e de aventura não pactua, porém, com o vago e com o laxismo. Evitar uma sistemática fechada e rígida não significa prescindir de toda abordagem rigorosa. Convém ressaltar que a vocação para a interdisciplinaridade origina-se de um certo ideal de verdade quase inacessível na sua integridade. O filósofo Jean Granier se compraz em repetir em seu belo livro "Le discours du monde"(7), que tal ideal — o do "Integral" (sic) — trai uma disposição mental essencialmente questionadora e dialógica. Tanto mais consciente é o pesquisador do fato que o objeto de sua procura é fugidia na sua integridade, quanto mais disposto ele se mostrará a dialogar com colegas laborando em outra áreas. E ainda mais, também, ele se preocupará epistemologicamente acerca do seu método de trabalho. O mundo em que vivemos é um mundo de mudança permanente, mesmo se essa mudança não aparece em nossas imediações. Por causa disso, o pesquisador inteligente e dedicado à sua tarefa se sente compelido a consultar seus colegas de outros domínios do conhecimento para ajustamentos.

Não se trata apenas de evitar a obsolescência, o atraso de informação na sua própria área de conhecimento. Trata-se de muito mais. Trata-se da busca de uma perspectiva alheia suscetível de modificar o rumo das pesquisas em andamento ou de completar o alcance delas no caminho da verdade, ou simplesmente da pertinência. Só um grande ideal de verdade ou de pertinência desemboca no diálogo pluralista pelo qual se define a interdisciplinaridade. A permeabilidade dos saberes já existe. Ela requer a observação de uma paisagem mais ampla do que um único ângulo de especialização. As disciplinas explodem e o que era exclusivo à definição de cada uma é invadido ou deformado por domínios que nem sempre eram fronteiriços. O controle da cultura no seu conjunto

(6) J. P. Resweber, obra citada, pág. 9.

(7) Jean Granier. **Le discours du monde**. Paris, Seuil, 1977.

que é o que precisamos interrogar periodicamente para reajustar o nosso tiro. (8)

A esse respeito, é preciso que se diga que a interdisciplinaridade está ligada ao porvir cultural, de certa forma propenso a assegurar a estabilidade e a constância a qualquer custo, por inércia. Ora, a consequência da inércia, do fixismo dos organogramas, das programações **“ne varietur”**, é, a médio prazo, a regressão, o desperdício, a não-rentabilidade. A interdisciplinaridade no seio de uma administração, como da instituição que ela administra, obriga a soluções de mudança, a reverter estruturas, porque à poeticidade da interdisciplinaridade impõe uma reconversão das visões. O grupo interdisciplinar, ao incluir administradores de ensino e pesquisa, alunos e professores, instaura a comunidade universitária inteira num espírito de criatividade que é, de fato, um espírito de **“im-poder”**, de não-hegemonia de sistema sobre homens, de não hegemonia de departamentos, pretendidos nobres, sobre os outros departamentos, de não-discriminação, de não-seletividade, de tradutibilidade das linguagens disciplinares. Porque, repete com insistência J. P. Resweber **“o saber é, por natureza, interdisciplinar”**, (...) **ele progride e recebe a sua significação própria entre os discursos plurais (ou pluralistas) que o compõem.** (9) **As divisões estanques são sintomas de uma ideologia do poder e de uma ideologia perversa e atrasada do conhecimento e da cultura, numa época onde a Teoria da Relatividade geral se alastrou e deveria ter informado o nosso “leader-ship” em todos os níveis de pensamento e ação.** (10)

Até agora, o método interdisciplinar apresenta-se mais com uma desconstrução da não-flexibilidade de idéias e de atitude no cumprimento de tarefas que sempre nos incumbiu. Ele se posiciona como a epistemologia dos métodos e das práticas, requer um desejo mais amplo de conhecimento e um questionamento permanente do adquirido pelo caminho de confrontos. É possível elaborar um pouco mais em torno desses aspectos, indicando domínios privilegiados de aplicação, situando a universidade como o campo por excelência dessa aplicação, enumerando, enfim as qualidades esperadas dos participantes de um grupo interdisciplinar.

(8) Jean-Paul Resweber. **La Méthode interdisciplinaire**, capítulo 2.

(9) J. P. Resweber, pág. 40.

(10) J. P. Resweber, págs. 44-45.

A noção de universidade como corpo pluralista de personalidades e de saberes dentro de um território delimitado comporta todos os parâmetros necessários ao funcionamento interdisciplinar, e é uma falha incrível que certas instituições negligenciem de lançar mão de um método que parece tão compatível com a sua essência evidente. Talvez seja essa a razão de tantas decepções a respeito da Universidade na atualidade. Todas as vezes que a pesquisa é sacrificada, a universidade desvia de sua vocação. O ensino é uma irradiação e um palco de apresentação da pesquisa. Colocar no primeiro plano a transmissão de informações destinadas fatalmente a ser deslocadas e até ultrapassadas, é trair a vocação da universidade, é afastá-la de uma interdisciplinaridade convincente. A missão principal da universidade é de “descobrir o impacto epistemológico das grandes questões abstratas ou concretas que concemem o homem de hoje e o impacto político, no sentido lato do termo, de toda a problemática epistemológica”.(11)

Resweber quer dizer no contexto dessa passagem que acabamos de citar (págs. 50-51) a necessidade de frisar, não a matéria a conhecer, mas a forma do conhecimento, o como, os modos de significação, ou seja, não a “**síntese quantitativa**”, mas a “**síntese qualitativa**” de nossas maneiras de conhecer. A interdisciplinaridade é um todo de concertação a respeito do saber, que muda a função da sala de aula e as estratégias de aprendizagem. Com ela, o mestre perde a sua posição de regência e de depositário do saber. Tudo que se faz ou se enuncia na Universidade, está logo perspectivado, questionado em grupos de reflexão, em vista de um “real” a fundar, de utopias estimulantes, de um ultrapasse do viver cotidiano e comodista. O manual como referência (dispensável) é apenas um ponto de partida.

Na ótica interdisciplinar, tanto o manual como a disciplina deve ser contornado, se não puder irradiar na direção de outros possíveis, de outros modos de expressar o real, de outras linguagens sobre um mundo em devir. No caminho que conduz à pertinência ou à verdade (sabemos que muitas verdades científicas são epocais, que os paradigmas mudam), a relatividade do sentido abençoa todas as linguagens: Por diversas que sejam ou estejam, elas participam do mesmo imaginário fundamental.

(11) J. P. Resweber, pág. 50 (tradução nossa).

Apresentamos, sob reserva, a lista seguinte, como lugares preferenciais para iniciar-se a interdisciplinaridade num campus universitário: Arte, Educação, Teologia, Filosofia, Política e Ecologia. Esses domínios não são ciências “duras”, mas “estratégias”, isto é, segundo Resweber “maneiras de prever e de coordenar significações polivalentes da experiência”. (12) A estratégia define a interdisciplinaridade como método sendo que nela se condensam habilidade e perspicacidade, um estado de alerta prestes a descobrir a falha de tudo aquilo que já existe, a fim de que se possa avançar outras hipóteses. Desenvolver uma estratégia interdisciplinar é ficar de prontidão para rondar em torno de uma linguagem (artística ou científica) que se dá por plena até descobrir a falha, a incompletude, até descobrir o seu ponto de fuga e de inconsistência, o qual, para nós, levará a este “algo a mais ou a um algo diferente”. Desenvolver uma estratégia de funcionamento interdisciplinar é ficar à procura da atualização do virtual e da virtualização do atual. A estratégia é comensurável a uma “infinita capacidade de invenção”.

A estratégia interdisciplinar é melhor entendida se a passarmos ao crivo do que distingue a interdisciplinaridade de outro modo de trabalhar em grupo com o qual, muitas vezes, está indevidamente confundida, o pluridisciplinar, que os anglo-saxões traduzem também por “transdisciplinar”.

O “pluridisciplinar” ou “multidisciplinar” caracteriza-se pela justaposição de disciplinas, a identidade de objeto de estudo, a “ausência de síntese entre os pontos de vista”. Falta-lhe uma constituição para além do momento de encontro (tal é o caso das publicações sem discussões mencionadas acima); falta-lhe, também, um acordo profundo, uma convergência entre os participantes, um espírito atento a “síntese epistemológica que explicitaria para além do método” da “disciplina-hóspede”, “as modalidades dominantes no processo saber”. (13) Todo grupo interdisciplinar arrisca acampar, no começo, em regime pluridisciplinar, como no seu vestíbulo, an-

(12) J. P. Resweber, págs. 59/60. Alterei um pouco a lista de Resweber, em virtude de meu conhecimento da Arte pós-moderna (inclusive a Literatura e a Arquitetura) como espaço altamente interdisciplinar, isto é, espaço de colocação em comum de reflexões pioneiras, de formulações de hipóteses inéditas. Por exemplo, recentemente, 13 cientistas dos mais diversos horizontes se reuniram em torno da **Poética** de Paul Valéry.

(13) J. P. Resweber, pág. 69.

tes de conseguir amadurecer a sua experiência. A interdisciplinaridade interina, a politonia e a pluralidade de leitura da pluridisciplinaridade, se enriquece com maior número de variáveis, multifocalizando o problema em vez de reduzi-lo à perspectiva de um cenáculo, de uma disciplina-anfitriã. Sobretudo, a interdisciplinaridade se aventura a passar o possível, o inexistente, o imperceptível ou despercebido. Neste sentido, ela é de orientação prospectiva(14), em simbiose ou em consonância com a imaginação criadora.(15) Com a dimensão inventiva da imaginação, o método interdisciplinar, relativiza e requestiona incansavelmente, redistribuindo os elementos do espectro do Conhecimento. Temos chamado-o de “métodos dos métodos” porque ele faz decair os métodos ao nível de estratégia, o que é um ganho positivo para o avanço da pesquisa e do saber, na direção fugidia do “integral”.

Mas esse método exige do próprio pesquisador um manejo de ótica que não se obtém sem transformação do próprio “self”.

Diz Resweber: **“O método interdisciplinar violenta, com efeito, nossas maneiras de conhecer tradicionais, e molda em nós uma outra maneira de abordar os problemas, de perceber as suas articulações, de modificar as suas coordenadas, e finalmente “mexe com a nossa maneira de agir e nos comportar no mundo”.** (16)

Para novas modalidades de saber, é preciso novas modalidades de ser, de sentir e de se relacionar. Essa última exigência intersubjetiva define uma pragmática, um modo de aparecer que implica uma transformação ética, já que a ética precede o político. Assim concebida, a relação interdisciplinar, ao relativizar nossas convicções, ao desenvolver a humil-

(14) J. P. Resweber, pág. 73.

(15) Bernard Cazes. **Histoire des futurs: les figures de l'avenir, de Saint Augustin au XXI siècle.** Paris, Seghers, 1986. Apresenta diferentes aspectos da prospectiva na Arte, Literatura, Ciências Sociais, Ciências Exatas. Boa bibliografia sobre o assunto.

(16) J. P. Resweber, págs. 94-95. Os políticos franceses querem todos investir na educação como nunca antes para o grande «Rendez-vous da Europa 1992». Estamos de pleno acordo, na medida em que os investimentos estejam na INTERDISCIPLINARIDADE que é um método de invenção, de autonomia, de polivalência, do ser pela criatividade e espírito cooperativo. Senão... «Beaucoup de bruit pour rien» (título de uma peça do escritor Alfred Musset).

dade para com si mesmo e o respeito para com os outros, nos torna mais disponíveis para a mudança ético-política, para uma forma de “**intervenção**” na vida pelo testemunho de um ser autêntico, de um ser sem duplicidade nem extremismo, de um ser fraterno, tolerante, cooperativo.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- JACOB, F. Le jeu des Possibles. Paris, Fayard, Essais/Folio, 1981.
- KIBEDI-VARGA, A. (ed.). Littérature et Post-modernité. Groningue, 1986 (C.R.I.N., 4).
- LAZARSELD, P. Philosophie des Sciences Sociales. Paris, Gallimard.
- MORIN, E. La connaissance de la connaissance. 1. Paris, Seuil, 1986.
- OSTROWER, F. Criatividade e processo de criação. Petrópolis, Vozes, 1976.
- ROSENTHAL, T. E. O universo fragmentário. São Paulo, Nacional, 1973.
- SAISON, M. Imaginaire/Imaginável. (teatro e medicina mental). Paris, Klincksieck, 1985.
- SCHLANGER, J. L'invention intellectuelle. Paris, Fayard, 1983.
- STANLEY, E. HYMAN. The tangled bank. Darwin, Marx. Frazer. Freud, as imaginativewriters. New York, Athanacum, 1962.
- TEIXEIRA COELHO, J. Moderno/Pós-Moderno. São Paulo, L e PM, 1987.
- BEUGNOT, B. et GUEDON, J. C. (dir.). Le texte scientifique. Etudes Françaises, 12/2, automne 1983, Presses de l'Université de Montreal.
- BURGOS, J. (dir.). «Circé» n.ºs. 1, 2, 3, 4, etc. Paris, Minard.
- BURGOS, J. (dir.). C.R.I.C. (Cahiers du Centre Recherche sur la Création el l'imaginaire). Chambéry, Université de Savoie.
- CHARRON, J. E. Imaginaire et Réalité. Paris, Albin Michel, 1985.
- COLLOQUES DE CÉRISY. Vários. Tema escolhido: Art et Science: de la Créativité. Paris, U.G.E., Col. 10/18, 1972

LA RECHERCHE EN ARCHITECTURE: un bilan international. Actes du Colloque de Juin, 1984. Paris, ed. Parenthèses, 1986.

LE DÉBAT, n.º 21, sept. 1982, Gallimard (O Pós-Moderno).

QUELLET, PIERRE. Les Discours du Savoir, revue «Protée», Université du Québec à Chicoutimi, 1984.

STENGERS, I. (dir.). D'une Science à l'autre: des concepts nomades. Paris, Seuil, 1987.

VIERNE, SIMONE. (dir.). IRIS n.ºs. 1, 2, 3, 4, 5. Cahiers du C.R.I. (Centre du Recherches sur l'Imaginaire, Université de Grenoble III).

BERTENS, J. e FOKKEMA, D. (ed.). Approaching post modernism. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins, 1986.

BROCH, H. Création littéraire et Connaissance. Paris, Gallimard, s.d.

COLETIVO «Discours et Utopie: Stratégies». (Literatura, Filosofia, Arquitectura), 3-4/1986-1987, P. U. de Nancy.

COLETIVO «Postmoderno e Letteratura». Milano, Bompiani, 1984.

FRANCASTEL, P. Art et technique au XIX et XX siècle. Paris, De Noel/Gonthier, 1956.

HALLYN, F. La structure poétique du monde: Copernic, Kepler. Paris, Seuil, 1987.

HOLTON, G. L'invention scientifique. Paris, PUF, 1982.